



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS- PORTUGUES IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS- TEL
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

STEPHANIE LORRANE DOS SANTOS DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO NOS CONTOS DE
MÁRIO DE ANDRADE**

BRASÍLIA

2019

STEPHANIE LORRANE DOS SANTOS DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO NOS
CONTOS DE MÁRIO DE ANDRADE**

Monografia apresentada ao Departamento De Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

BRASÍLIA

2019

*“Escrevo sem pensar, tudo o que o meu
inconsciente grita. Penso depois: não só para
corrigir, mas para justificar o que escrevi.”*

Mário de Andrade

RESUMO

A presente monografia propõe uma análise dos contos “O poço”, “Primeiro de maio” e “Túmulo, túmulo, túmulo” de Mário de Andrade. Visando estudar as relações de trabalho presentes nas obras. Serão analisadas as relações sociais, principalmente as relações entre patrão e os empregados, o contexto histórico da época, análise das personagens, foco narrativo e espaço das obras. Serão utilizadas as teorias de Karl Marx, aspirando a melhor compreensão do conceito de alienação no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: alienação; Primeiro de maio; O poço; Túmulo, túmulo, túmulo; relações de trabalho; Karl Marx.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse. Nele encontrei forças e a capacitação necessária para enfrentar todas as dificuldades. E também à Virgem Maria que intercedeu por mim com todo seu amor e bondade.

À professora Adriana, pela orientação, apoio e confiança.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Às amigas, Mariana Lopes, Viviane Pedrosa e Sther Correia, companheiras que fizeram parte da minha formação.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1-O POÇO	2
1.1 PERSONAGENS, NARRADOR E ESPAÇO	2
1.2 A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR SOB O SISTEMA DO CAPITAL.....	5
1.3 A CANETA-TINTEIRO	7
2- PRIMEIRO DE MAIO	8
2.1 O PERSONAGEM 35	8
2.2 35 E O PRIMEIRO DE MAIO	10
3- TÚMULO, TÚMULO, TÚMULO	14
3.1 PERSONAGENS E MARCAS DE ORALIDADE	14
3.2- BELAZARTE E ELLIS: RELAÇÃO DE AMIZADE OU NECESSIDADE?.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

INTRODUÇÃO

Mário de Andrade observava muito o homem de sua época e buscava retratá-lo em suas obras. Analisava o brasileiro e suas histórias. Sempre envolvido com assuntos políticos conseguiu mesclar política e literatura. Nos contos ele retratava o trabalhador brasileiro em um contexto de modernização e luta por direitos. Mostrava situações que, na época, não eram muito questionados, como o trabalho e as relações que surgem dele.

Através das leituras dos contos – O poço, Primeiro de maio e Túmulo, túmulo, túmulo- este trabalho propõe uma análise das relações de trabalho presentes nas obras. O objetivo é compreender como o trabalho atua no desenvolvimento das potencialidades do trabalhador ou contribuiu para a desumanização e alienação dos personagens. Portanto, será feita uma análise das personagens e como o ambiente se relaciona com elas, assim como será analisado o foco narrativo.

De acordo com Mészáros, baseando-se na teoria de Marx, a alienação é um conceito eminentemente histórico. Para o homem ser alienado tem que ser em relação a alguma coisa, de acordo com o filósofo, a "transcendência da alienação" é um conceito inerentemente histórico. Portanto, para compreender a alienação faz-se necessário entender o contexto histórico do período, por isso aspectos históricos serão explorados neste trabalho. Os contos " O poço", " Primeiro de Maio" e "Túmulo, túmulo, túmulo" de Mário de Andrade, situam-se no início do século XX, o Brasil do café em vias de urbanização e industrialização que veio para substituir as importações. Houve também a Criação dos ministérios: do Trabalho, Indústria e Comércio; e da Educação e Saúde. Porém, todo esse progresso não significava o fim da dominação da burguesia sobre os proletariados.

O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo será analisado o conto "O poço", destacando a relação entre os funcionários e o patrão Joaquim Prestes. No segundo capítulo, será feita uma análise do carregador de malas, 35, que adere ao feriado de 1º de maio. Já no terceiro capítulo a relação entre o servo Ellis e o patrão Belararte será estudada.

Este trabalho visa, portanto, um olhar mais detalhado das relações advindas do trabalho presentes nos contos de Mário de Andrade. Utilizando conceitos de alienação no trabalho de Karl Marx busca-se identificar como o trabalho atua ou modifica a vida das personagens.

1-O POÇO

1.1 –PERSONAGENS, NARRADOR E ESPAÇO

A obra começa com uma descrição física e moral do fazendeiro Joaquim Prestes. Um homem ocioso pelos costumes de sua família e que não precisou de muito esforço para alcançar toda a sua riqueza, pois tudo a ele foi herdado como herança. O Fazendeiro tinha bastante apreço pelas tradições e coisas estrangeiras, tanto que para comprar seu primeiro carro foi até à Europa. Nota-se toda a opulência do personagem com seus três carros importados, representando a típica figura da economia cafeeira. Era um sujeito de pouco riso e cheio de interesses. A metáfora construída com as abelhas revela como o fazendeiro fica descontente diante da desobediência. Joaquim fica desorientado por não conseguir total domínio sobre elas, pois seguiam a ordem natural da natureza, diferentemente de seus funcionários que obedeciam a todas as suas ordens.

Mais à frente no conto começam as primeiras descrições dos trabalhadores do fazendeiro. Toda a miséria dos funcionários é revelada na descrição das suas roupas esfarrapadas, e principalmente nas condições sub-humanas às quais trabalhavam para receber uma quantia pouca satisfatória. Era um período chuvoso e de mau tempo, mas isso não impediu que Joaquim Prestes mandasse que um poço fosse construído em seu pesqueiro, pois para o fazendeiro, não havia motivos para os homens não continuarem o serviço e, segundo ele, os homens não estavam sendo pagos para “fazer sala”.

Os funcionários não tinham forças para continuar o trabalho, mas Joaquim continuava preocupado com a construção do poço. Nota-se como os funcionários estavam exaustos e sem ânimo para continuar o trabalho, e também a fúria de Joaquim ao ver que a construção do poço havia parado.

No conto observa-se a existência de um narrador em terceira pessoa e onisciente, pois além de características físicas, conhece aspectos psicológicos dos personagens. E como aponta Brait (1987), o narrador em terceira pessoa por meio da descrição do espaço, dos seres da história e a utilização do discurso indireto livre, corrobora para a construção da verossimilhança dos personagens, de forma que a história ganha consistência e credibilidade:

Essa visualização, esse efeito de realidade vai ganhando forma a partir da descrição minuciosa de traços que apontam para a figura física das personagens, para a nominalização desses seres, para a minúcia dos gestos, para as roupas e para a linguagem de cada um. A descrição, a narração e o diálogo funcionam como os movimentos de uma câmera capaz de acumular signos e combiná-los de maneira a focalizar os traços que, construindo essas instâncias narrativas, concretizando essa

existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor. (BRAIT, 1987 ,pág. 58)

A descrição minuciosa dos traços dos personagens, assim como suas ações, permite a construção do perfil dos personagens e revelam o mundo e a crítica que o narrador quer retratar. O que corrobora para uma compreensão detalhada da realidade histórica do período. E contribuiu para que o leitor possa adentrar no estado emocional dos personagens, nota-se como os funcionários além de cansaço físico, estavam desapontados e com um sentimento de culpa pelo atraso no serviço.

As descrições de dois funcionários do fazendeiro, Albino e José, referem-se à uma infância difícil e cheia de perdas. Os dois eram irmãos do mesmo pai com mães diferentes, daí a explicação por um ser mulato e o outro branco. O alcoolismo do pai fez dos rapazes órfãos muito cedo, dependendo assim da proteção e “cuidados” de Joaquim. Na verdade, o que ocorria era uma troca de favores. Albino cedia sua força de trabalho e o fazendeiro comprava seus remédios, pois a saúde do rapaz era muito frágil e já havia sido acometido por inúmeras doenças. Porém, analisando as situações em que eram submetidos os funcionários, nota-se que seria impossível que Albino se recuperasse de suas doenças, pode-se até dizer que o trabalho pesado era um dos fatores que impediam a recuperação do rapaz. No trabalho alienado, a saúde e integridade física dos empregados é desconsiderada.

Albino destaca-se por ser sempre um dos primeiros a tomar à frente quando Joaquim exigia alguma coisa ou dava uma ordem. O termo “camaradas” remete a ideia de funcionários pagos pelo dia de trabalho, por isso realizavam todo tipo de serviço na fazenda. Os funcionários se acostumaram a uma rotina de exploração. A descrição da cena em que o funcionário retorna após entrar no poço é perturbadora:

Só quando Albino surgiu na boca do poço o sarilho parou de gemer. O rapaz estava que era um monstro de lama. Pulou na terra firme e tropeçou três passos, meio tonto. Baixou muito a cabeça sacudida com estertor purrr! agitava as mãos, os braços, pernas, num halo de lama pesada que caía aos ploques no chão. Deu aquele disfarce pra não desapontar: – Puta frio! (ANDRADE, M. 2016, pág.46)

A única pessoa que se compadecia com o sofrimento dos empregados era a misteriosa visita, que vez ou outra trazia algo para eles se aquecerem. Porém, a personagem não profere uma só palavra, restringindo-se a seguir Joaquim Prestes. É possível notar que muitas atitudes do fazendeiro foram para confirmar sua autoridade patriarcal diante da visita, uma tentativa de mostrar quem mandava no local. Mesmo sendo uma personagem plana, ela apresenta uma crítica sutil a muitos comportamentos sociais da época, pois muitas pessoas se deparavam com situações de exploração, porém pouco faziam para denunciar e mudar aquela realidade. Em

alguns momentos nota-se que a visita se incomodava com todo o sofrimento e esforço dos funcionários, mas apenas saía do local sem interferir em nada, como revela o trecho a seguir:

Ainda uns segundos. A visita não aguentara mais aquela angústia, se afastara com o pretexto de passear. Aquela voz de poço, um tom surdo, ironicamente macia que chegava aqui em cima em qualquer coisa parecida com um “não”. Os minutos passavam, ninguém mais se aguentava na impaciência. (ANDRADE, M. 2016 pág.46)

Magruço, outro empregado de Joaquim Prestes, em muitos momentos demonstra sua insatisfação e revolta, porém abaixava a cabeça para não entrar em conflito com o patrão, mas quando é forçado a descer novamente no poço, discute com Joaquim e antes de ser demitido, pede demissão e vai embora depois de 8 anos de trabalho na fazenda. Como aponta Marx, em uma sociedade capitalista e alienada, muitas vezes o patrão surge como um herói por oferecer trabalho e meios de existência ao trabalhador, criando assim uma dependência unilateral. Desta forma, o empregado não percebe que nunca recebe o valor integral do produto de seu trabalho. É possível notar como essa relação de dependência interferia na vida do funcionário, pois quando saiu da fazenda ficou sem direção e sem saber o que fazer dali para frente:

Minutos antes, poço quase seco agora, o magruço que já vira um bloco de terra se desprender do rebordo, chegada a vez dele, se recusara descer. Foi meio minuto apenas de discussão agressiva entre ele e o velho Joaquim Prestes, desce, não desce, e o camarada, num ato de desespero, se despedira por si mesmo, antes que o fazendeiro o despedisse. E se fora, dando as costas a tudo, 8 oito anos de fazenda, curtindo uma tristeza funda, sem saber. (ANDRADE, M. 2016 pág.50)

O pedido de demissão de Magruço incitou a ira de Joaquim que desafiado e desrespeitado pela atitude do funcionário queria mais do que nunca recuperar sua caneta. Os funcionários continuaram a procurar o objeto. A imagem de Albino descendo e subindo o poço traz muita aflição ao leitor, o trabalhador fica todo sujo com lama por todas as partes do corpo, além do frio e das dores que sentia devido a inúmeros problemas de saúde que tinha:

Albino apareceu na boca do poço. Vinha agarrado na corda, se grudando nela com terror, como temendo se despegar. Deixando o outro operário na guarda do cambito, José com muita maternidade ajudava o mano. Este olhava todos, cabeça de banda decepando na corda, boca aberta. Era quase impossível lhe aguentar o olho abobado. Como não queria se desagarrar da corda, foi preciso o José, “sou eu, mano”, o tomar nos braços, lhe fincar os pés na terra firme. Aí Albino largou da corda. Mas com o frio súbito do ar livre, principiou tremendo demais. O seguraram pra não cair. Joaquim Prestes perguntava se ainda tinha água lá em baixo. (ANDRADE, M. 2016 pág. 51)

A descrição do espaço permite a construção de um plano de fundo para a história acontecer. Assim como, contribui como um reflexo do interior das personagens. No conto, os detalhes na descrição da casa construída no pesqueiro evidenciam a opulência do fazendeiro. A casa tinha sido erguida para que Joaquim pudesse descansar em suas visitas ao pesqueiro.

E era quase uma casa-grande se erguendo, quarto do patrão, quarto pra algum convidado, a sala vasta, o terraço telado, tela por toda a parte pra evitar pernilongo. Só desistiu da água encanada porque ficava um dinheirão. Mas a casinha, por detrás do bangalô, até era luxo, toda de madeira aplainada, pintadinha de verde pra confundir com os mamoeiros, os porcos de raça por baixo (isso de fossa nunca!) e o vaso de esmalte e tampa. (ANDRADE, M. 2016 pág. 41)

É possível relacionar a descrição da casa com a personalidade de Joaquim Prestes, pois todo o luxo dos detalhes se assemelha com as vontades e caprichos do fazendeiro. O conto possui alguns termos utilizados para descrever o clima e o ambiente que remetem à personalidade de Joaquim Prestes, palavras como: frio, ar sombrio, magoado, intransponível.

O frio estava por demais. O café queimando, servido pela mulher do vigia, não reconfortara nada, a umidade corroía os ossos. O ar sombrio fechava os corações. Nenhum passarinho voava, quando muito algum pio magoado vinha botar mais tristeza no dia. Mal se enxergava o aclave da barranca, o rio não se enxergava. Era aquele arminho sujo da névoa, que assim de longe parecia intransponível. (ANDRADE, M. 2016 pág. 44)

De todas as atitudes, a mais audaciosa foi a de José, que não suportava ver o sofrimento do irmão e enfrenta Joaquim Prestes. Nesse momento, Joaquim, pela primeira vez, assume uma vibração humana e não enxerga seu funcionário como uma mercadoria. Nessa parte do conto nos deparamos com o controverso Joaquim Prestes que em muitos momentos aparentava ser um sujeito impassível, porém, observa-se um paternalismo no fazendeiro. Talvez Joaquim fosse, assim como seus funcionários, vítima de uma aristocracia cafeeira que aliena e corrompe os que estão a sua volta.

1.2- A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR SOB O SISTEMA DO CAPITAL

A problemática do conto tem o seu ponto inicial com a chegada de Joaquim no seu pesqueiro. O fazendeiro almeja a construção de um poço para sua nova casa no local. O narrador deixa explícita a futilidade e inutilidade da construção do poço, pois trata-se da realização de um dos muitos caprichos do fazendeiro:

Numa parte destocada do terreno, já pastavam no capim novo quatro vacas e o marido, na espera de que alguém quisesse beber um leitezinho caracu. E agora que a casa estava quase pronta, sua horta folhuda e uns girassóis na frente, Joaquim Prestes não se contentara mais com a água da geladeira, trazida sempre no forde em dois termos gordos, mandara abrir um poço. (ANDRADE, M. 2016 pág. 41)

Marx observa que o capital estimula a criação de uma série de necessidades, porém nem todas contribuem para o desenvolvimento individual do trabalhador, colaboram apenas para o acúmulo de bens e capital da elite. Como acontece em “O poço”. Joaquim deseja a construção do poço a todo custo, não por ser algo que possa contribuir com a vida e comodidade de seus

empregados, trata-se apenas de um capricho do fazendeiro por estar farto de beber água da geladeira.

Nos Manuscritos de 1844, Marx descreve a situação do trabalhador sob o sistema do capital. Segundo o autor, o sistema capitalista tem como principal meta o aumento e acumulação de bens e riqueza. Nesse sistema o homem funciona como instrumento para obtenção dessas riquezas, importa como força de trabalho. De acordo com a teoria de Marx, as relações de trabalho entre Joaquim e seus funcionários atuavam em um sentido desumanizador, pois o lucro e necessidades do fazendeiro tinham mais valor e importância que a própria integridade física dos seus funcionários que importavam apenas como força de trabalho.

Mas que agora estavam terminando o café do meio-dia. Espaçavam as frases, desapontados, principiando a não saber nem como ficar de pé. Havia silêncios desagradáveis. Mas o velho Joaquim Prestes impassível, esperando mais explicações, sem dar sinal de compreender nem desculpar ninguém. (ANDRADE, M. 2016 pág. 42)

Como aponta Zoraida Ahumada, o conto de Mário de Andrade denuncia a dependência servil e o autoritarismo vigentes nas relações sociais e econômicas sob o Estado Novo na década de 30 a 40. A alienação faz dos empregados de Joaquim Prestes seres totalmente desumanizados a ponto de não reconhecerem a diferença entre o trabalho e a realização de caprichos de seu patrão. Assim, o trabalhador fica preso a uma relação de dependência em que somente um lado é beneficiado, o patrão. A cena que explicita essa afirmação foi a euforia e desespero dos funcionários para recuperar a caneta-tinteiro que Joaquim Prestes acidentalmente deixa cair no poço. Albino, seu empregado mais leve, foi o escolhido para cumprir com a árdua tarefa de descer o poço:

Albino foi correndo. Os camaradas vieram imediatamente, solícitos, ninguém sequer lembrava mais de fazer corpo mole nem nada. Pra eles era evidente que a caneta-tinteiro do dono não podia ficar lá dentro. Albino já tirava os sapatos e a roupa. Ficou nu num átimo da cintura pra cima, arregaçou a calça. E tudo, num átimo, estava pronto, a corda com o nó grosso pro rapaz firmar os pés, afundando na escuridão do buraco. José mais outro, firmes, seguravam o cambito. Albino com rapidez pegou na corda, se agarrou nela, balanceando no ar. (ANDRADE, M. 2016 pág. 45)

Nessa parte do conto, o trabalhador se torna uma mercadoria, sendo reduzido a "coisa", perdendo até mesmo seu direito de escolha. Marx diz que a consciência alienada é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da auto-alienação do trabalho, o que implica na exploração do homem pelo próprio homem através do trabalho. Joaquim explorava os funcionários e os reduzia a "coisas", pois todo o trabalho que estavam fazendo era somente para reaver uma simples caneta-tinteiro. A relação entre o fazendeiro e os empregados

é totalmente desumanizada, e como aponta Marx (1844), o trabalho alienado transforma o homem em “máquinas” e atira os trabalhadores em um trabalho bárbaro e desumano.

1.3- A CANETA-TINTEIRO

A primeira tentativa para recuperar a caneta não teve muito sucesso. Assim, os empregados decidiram retirar toda a água do poço para facilitar a retirada do objeto. Joaquim não ficou satisfeito, sua vontade era ter sua caneta o mais depressa possível. Nota-se que, ter novamente a caneta-tinteiro tratava-se mais de uma questão de honra e orgulho do que necessidade em a possuir novamente. Para o fazendeiro, não ter sua caneta de volta comprometeria a relação de poder e obediência com seus funcionários, sendo assim, a recuperação da caneta uma forma de reafirmar seu autoritarismo para com seus funcionários, como vemos no trecho a seguir da obra de Mário de Andrade:

Almoço grave, apesar do gosto farto do dourado. Joaquim Prestes estava árido. Dera nele aquela decisão primária, absoluta de reaver a caneta-tinteiro hoje mesmo. Pra ele, honra, dignidade, autoridade não tinham gradação, era uma só: tanto estava no custear a mulher da gente como em reaver a caneta-tinteiro. (ANDRADE, M. 2016 pág.48)

Os funcionários de Joaquim começaram a retirar a água e lama do poço. Estavam cansados e com frio. A única coisa que tinham para se aquecer era a cachaça que temporariamente ajudava os homens a esquecer da exaustão e frio que os consumia. Porém, devido ao cansaço, os funcionários estavam mais lentos o que deixava Joaquim cada vez mais irritado e impaciente.

No final do conto, depois de todo o esforço dos empregados, a caneta é recuperada, mas como estava suja e arranhada, Joaquim Prestes a joga fora e pega uma nova em sua gaveta. Ou seja, todo trabalho foi apenas um capricho de Joaquim que alienado se importava com o valor do mundo das "coisas" ao preço da desvalorização do mundo dos "homens". No final para o rico fazendeiro nem a caneta tinha mais valor, assim como seus empregados.

Joaquim Prestes experimentou mas a caneta não escrevia. Ainda a abriu, examinou tudo, havia areia em qualquer frincha. Afinal descobriu a rachadura.

– Pisaram na minha caneta! brutos...

Jogou tudo no lixo. Tirou da gaveta de baixo uma caixinha que abriu. Havia nela várias lapiseiras e três canetas-tinteiro. Uma era de ouro. (ANDRADE, M. 2016 pág. 54)

2- PRIMEIRO DE MAIO

2.1 – O PERSONAGEM 35

No grande dia Primeiro de Maio, não eram bem seis horas e já o 35 pulava da cama, afobado. Estava muito bem-disposto, até alegre, ele bem afirmara aos companheiros da Estação da Luz que queria celebrar e havia de celebrar. (ANDRADE,2016, p.18)

O conto começa revelando a euforia e disposição do personagem 35, um humilde carregador de bagagens da Estação da Luz, que não conseguia conter sua empolgação para celebrar o feriado trabalhista de Primeiro de Maio. Os outros trabalhadores caçoavam de 35, diziam que o feriado era perda de tempo, e que o melhor seria trabalhar como nos dias normais. Porém 35, não se importava como as palavras de seus companheiros, fizera questão de se arrumar e estar digno para comemorar o dia.

Nu só da cintura pra cima por causa da mamãe por ali, de vez em quando a distância mais aberta do espelinho refletia os músculos violentos dele, desenvolvidos desarmoniosamente nos braços, na peitaria, no cangote, pelo esforço cotidiano de carregar peso. O 35 tinha um ar glorioso e estúpido. Porém ele se agradava daqueles músculos intempestivos, fazendo a barba. (ANDRADE,2016, p.18)

Na descrição física de 35 se materializa a imagem do trabalhador daquele período, marcado pelo começo da ditadura de Vargas e início da modernização na capital de São Paulo. É possível comparar as características físicas de 35 com o Abaporu, tela pintada por Tarsila do Amaral, que exaltava o trabalho árduo e pesado dos trabalhadores, por isso o exagero no tamanho das mãos e dos pés. O trabalhador na obra de Mário de Andrade, que é representado pelo personagem 35, também possuía os braços com tamanhos desiguais ao restante do corpo devido ao excesso de trabalho, mas 35 se orgulhava de seu corpo musculoso, para ele era símbolo de seu esforço e dedicação.

Outro aspecto presente na caracterização de 35 é a falta de instrução e entendimento mediano acerca das notícias do mundo. A descrição do ambiente também remete a construção dos sentimentos do personagem, que algumas vezes até ganha características humanas. Como no trecho a seguir: “Nuvens? umas nuvenzinhas brancas, ondulando no ar feliz. Insensivelmente o 35 foi se encaminhando de novo para os lados do Jardim da Luz.” (ANDRADE,2016, p.19). Assim era o sentimento de 35 no seu caminhar para a celebração do feriado, o “ar feliz”, toma conta da existência de 35, que acreditava ser um dia para celebrar.

O personagem 35 caminhava todo exuberante pelas ruas vazias da cidade. Ingênuo acreditava que todos estavam com a mesma empolgação para comemorar o dia, que para ele, era um dos mais importantes do ano. Ao longo de sua caminhada, logo percebe que só ele estava

disposto a festejar o dia, enquanto seus companheiros continuavam a trabalhar. Chega à conclusão que tinham mais policiais nas ruas do que trabalhadores.

Tinha mas era muito polícia, polícia em qualquer esquina, em qualquer porta cerrada de bar e de café, nas joalherias, quem pensava em roubar! nos bancos, nas casas de loteria. O 35 teve raiva dos polícias outra vez. (ANDRADE,2016, p.19)

E 35 continuava sua caminhada pela cidade, cada vez mais desconfiado da quantidade de policiais, e principalmente a falta dos seus camaradas de trabalho. Ao chegar no Palácio das indústrias, percebe que acontece uma reunião, porém é restrita para poucas pessoas. Ou seja, uma reunião para falar de trabalho, porém sem a presença dos trabalhadores que foram rudemente dispersados pela polícia.

Chegou tarde. Quase nada tarde, eram apenas nove e quinze. Pois não havia mais nada, não tinha aquela multidão que ele esperava, parecia tudo normal. Conhecia alguns carregadores dali também e foi perguntar. Não, não tinham reparado nada, decerto foi aquele grupinho que parou na porta da estação, tirando fotografia. (ANDRADE, 2016, p.21)

Quando 35 chega à Estação do Norte fica decepcionado ao perceber que não havia nada sido preparado para receber os trabalhadores. O Personagem começa a compreender que não se tratava de um dia festivo. O feriado de primeiro de maio deveria ser destinado aos trabalhadores, mas como retrata o conto, o feriado foi uma comemoração sem a presença dos trabalhadores, fato típico de uma sociedade alienada que se preocupa em enaltecer o "trabalho", mas não o "trabalhador".

Havia por dentro, por “drento” dele um desabalar neblinoso de ilusões, de entusiasmo e uns raios fortes de remorso. Estava tão desagradável, estava quase infeliz... Mas como perceber tudo isso se ele precisava não perceber!... O 35 percebeu que era fome. (ANDRADE, 2016, p.21)

Mais uma vez a descrição minuciosa proporciona uma visão detalhada dos sentimentos de 35, porém agora o que ele sentia não era mais um “ar feliz”, e sim, um “neblinoso de ilusões”, pois começa a compreender que aquele dia não era destinado a ele.

Ao retornar ao parque das indústrias, 35, se encontra com o policial 486 que relata a 35 o porquê de os trabalhadores estarem inquietos e amedrontados. “massacres de proletários por policiais armados.” (ANDRADE, 1997, p. 50). Era isso que acontecia com quem ousasse levantar a voz.

Os sentimentos de 35 refletiam a sensação dos trabalhadores naquele dia. Sentiam vontade de lutar e impor seus pensamentos, porém o medo deixava-os estagnados, sem ter o que fazer. Sabiam que se tentassem algo poderiam ser presos, e até assassinados.

Narrado em 3ª pessoa, o conto denuncia os problemas sociais do período, por meio da inquietação existencial dos personagens, principalmente de 35. Cada sentimento dos personagens reflete uma realidade de medo e alienação, em que os trabalhadores não consigam compreender sua importância na sociedade.

E o 35 inerte, passivo, tão criança, tão já experiente da vida, não cultivou vaidade mais: foi se dirigindo num passo arrastado para a Estação da Luz, pra os companheiros dele, esse era o domínio dele. Lá no bairro os cafés continuavam abertos, entrou num, tomou duas médias, comeu bastante pão com manteiga, exigiu mais manteiga, tinha um fraco por manteiga, não se amolava de pagar o excedente, gastou dinheiro, queria gastar dinheiro, queria perceber que estava gastando dinheiro, comprou uma maçã bem rubra, oitocentão! foi comendo com prazer até os companheiros. (ANDRADE, 2016, p.24)

Em muitos momentos da narrativa, podemos adentrar o íntimo do personagem. Nota-se como ele buscava fugir da alienação à qual estava preso, ele não se contentava em trabalhar naquele dia que, para ele, era muito importante. Mas no final, como relata o trecho, 35 fica indefeso e sem direção.

Apesar de toda importância dada ao personagem no conto, pode-se constatar que o verdadeiro protagonista, não era 35, e sim, o grande dia 1º de maio. O personagem 35, ao fim de sua caminhada, percebe que aquele dia não era dele. Terminará seu dia desiludido e indignado pela realidade que descobre ao longo do dia. “Acabara por completo a angústia. Não pensava, não sentia mais nada. Uma vagueza cruciante, nem bem sentida, nem bem vivida, inexistência fraudulenta, cínica, enquanto o primeiro de maio passava” (ANDRADE, 2016, p.24).

2.2 – 35 E O PRIMEIRO DE MAIO

O conto situa-se no momento histórico do Estado Novo. O governo de Vargas adotou um estilo populista e ficou conhecido pela manipulação dos proletários. O presidente utilizava o feriado de primeiro de maio para instituir leis e benefícios trabalhistas, como o salário mínimo e a Justiça do trabalho. Assim, criou-se uma ideia de um evento festivo, quando na verdade o feriado tratava-se da luta dos trabalhadores por seus direitos. Os protestos eram substituídos por comemorações e muitas delas não incluíam os próprios trabalhadores.

Sim, talvez fosse isso. Mas o 35 não sabia bem direito, ficava atordoado com as notícias, os jornais falavam tanta coisa, faziam tamanha misturada de Rússia, só sublime ou só horrenda, e o 35 infantil estava por demais machucado pela experiência pra não desconfiar, o 35 desconfiava. (ANDRADE, 2016, p.18)

No decorrer do conto, nota-se como a mídia confundia o personagem que não conseguia absorver tanta informação. Assim, fica subtendido que a mídia daquele período criava barreiras que corroboravam para a manipulação de ideias e pensamentos, que na maioria das vezes beneficiavam apenas um lado, e não era o lado do trabalhador. Como conceitua Marx (1844), o homem alienado, em um contexto capitalista, perde sua essência e não se identifica com o fruto do seu trabalho. Assim era 35, que não compreendia o contexto a sua volta e nem a importância da sua força de trabalho. Os jornais, como é retratado no conto, pouco falavam dos trabalhadores, consideravam mais interessante falar de notícias supérfluas da elite paulista.

Os jornais não falavam nada dos trabalhistas, só falavam dum que insultava muito a religião e exigia divórcio, o divórcio o 35 achava necessário (a moça do apartamento...), mas os jornais contavam que toda a gente achava graça no homenzinho “Vós, burgueses”, e toda a gente, os jornais contavam, acabaram se rindo do tal do deputado. E o 35 acabou não achando mais graça nele. Teve até raiva do tal, um soco é que merecia. (ANDRADE,2016, p.21)

O que 35 não sabia, era que todos esses policiais nas ruas estavam preparados para repreender qualquer manifestação ou protesto dos trabalhadores. Ou seja, no dia do trabalhador, os mesmos não tinham a liberdade para expressar suas insatisfações. Realidade de uma sociedade alienada e dominada pelos desejos da elite exploradora.

Um fato importante é que as pessoas não paravam de trabalhar, mesmo no feriado. Poderia ser medo de perder o emprego ou uma chance de mostrar mais eficiência ao patrão. Podendo-se até imaginar uma competição entre os empregados. Marx (1844), ressalta que os homens são alienados *uns dos outros* na medida em que precisam competir entre si, tudo para garantir seu lugar no mercado de trabalho. Gerando um individualismo exacerbado. De tal modo, que vale tudo para garantir uma vaga de emprego, até mesmo trabalhar mais que o necessário. E assim eram os funcionários do conto, trabalhavam sem parar mesmo com o dia sendo para “festejar”.

Abriu o jornal. Havia logo um artigo muito bonito, bem pequeno, falando na nobreza do trabalho, nos operários que eram também os “operários da nação”, é isso mesmo! O 35 se orgulhou todo comovido. Se pedissem pra ele matar, ele matava, roubava, trabalhava grátis, tomado dum sublime desejo de fraternidade, todos os seres juntos, todos bons... (ANDRADE,2016, p.20)

Nota-se como o governo, por meio das mídias sociais, manipulava os trabalhadores. Os jornais noticiavam as manifestações e motins, porém de maneira contraditória, para que as pessoas entendessem os movimentos como algo desnecessário, como se tudo estivesse bem e nada precisasse mudar. O próprio 35 não entedia o porquê das manifestações. Acreditava que

todo seu esforço fazia dele orgulho da nação, alienado, não conseguia perceber as situações abusivas as quais era submetido.

A falta dos trabalhadores nas comemorações do feriado, também se devia ao fato dos trabalhadores não se identificarem com o produto de seu trabalho. Afinal, mais da metade do que produziam não pertencia a eles, todo lucro era destinado para o patrão. Mesmo com todos os seus esforços recebiam apenas o suficiente para sobreviver, uma fração muito pequena comparada ao tanto que trabalhavam. Como aponta Marx (1964):

A realização do trabalho surge de tal modo como desrealização que o trabalhador se invalida até à morte pela fome. A objetivação revela-se de tal maneira como perda do objeto, que o trabalhador fica privado dos objetos mais necessários, não só à vida, mas também ao trabalho. Sim, o trabalho transforma-se em objeto, que ele só consegue adquirir com o máximo esforço e com interrupções imprevisíveis. A apropriação do objeto manifesta-se a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o trabalhador produzir tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao domínio do seu produto, do capital.” (MARX, 1964, p. 159).

Os trabalhadores não podiam questionar e muito menos reivindicar seus direitos. As pessoas nem se recordavam da origem do feriado. “*Eight-hour day with no cut in pay*” (“diária de oito horas sem redução no pagamento”) esse era o slogan dos manifestantes, em 1886, que reivindicavam a redução da carga horária de trabalho. Assim foi dissolvido o feriado, após a morte de inúmeros trabalhadores que lutavam por seus direitos. O personagem 35 andava sem rumo pelas cidades, ato que simbolizava a situação dos trabalhadores daquele período. Não compreendiam a dimensão e importância que aquele dia representava.

De acordo com Mészáros (1970), "a atividade é alienada quando assume a forma de uma separação ou oposição entre "meios" e "fim"". Essa alienação está presente nos funcionários quando apenas trabalhavam sem entender o que seria o produto final, apenas participam da produção, mas não tinham ideia no que estavam contribuindo com sua força de trabalho. Portanto, não se identificam com o produto do seu trabalho.

Estava tão oprimido, se desfibrara tão rebaixado naquela mascarada de socialismo, naquela desorganização trágica, o 35 ficou desolado duma vez. Tinha piedade, tinha amor, tinha fraternidade, e era só. Era uma sarça ardente, mas era sentimento só. Um sentimento profundíssimo, queimando, maravilhoso, mas desamparado, mas desamparado. (ANDRADE,2016, p.23)

Os nomes dos personagens eram números, 35 (ano em que foi decretado o feriado de Primeiro de Maio) e 22 (ano de fundação do Partido Comunista Brasileiro). Tinha também o 486, policial que era conhecido de 35. Além das referências a datas importantes, o

fato de os personagens serem números, remete a ideia de que desumanizados pelo trabalho, os trabalhadores se reduzem a “coisas”.

A alienação se caracteriza, portanto, pela extensão universal da "vendabilidade" (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em "coisas", de modo que possam aparecer como mercadorias no mercado. (MÉSZAROS, 1970, p. 36).

Porém, mesmo com toda sua melancolia e desapontamento, no final do conto, 35 oferece ajuda a um senhor de idade, chamado 22. Devido a idade o trabalhador não conseguia mais levantar malas tão pesadas. Parece um simples gesto, porém, pode-se interpretar como uma maneira de demonstrar que, mesmo os trabalhadores não tendo voz e serem constantemente explorados, o que fazia a diferença era o apoio e a ajuda que os trabalhadores ofereciam uns aos outros. Assim, um dia, com a união e apoio uns aos outros, a triste realidade que os cercava poderia mudar.

3 – TÚMULO, TÚMULO, TÚMULO

3.1- PERSONAGENS E MARCAS DE ORALIDADE

Na obra, *Os contos de Belazarte*, todos os contos começam com a frase "Belazarte me contou", interligando uma história a outra. Em "túmulo, túmulo, túmulo" a narração em primeira pessoa permite adentrarmos no íntimo de Belazarte, já que ele irá descrever um fato que aconteceu com ele mesmo. Assim o leitor vai descobrindo o desenrolar dos fatos junto ao personagem.

Um tempo andei mais endinheirado, com emprego bom e inda por cima arranjando sempre uns biscates por aí, que me deixavam viver à larga. Dinheiro faz cócega em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não há meios de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim. Achava gostoso esses pedaços de cinema: o dono vai saindo, vem o criado com chapéu e bengala na mão, "Prudêncio, hoje não bóio em casa, querendo sair, pode. Té logo". "Té logo, seu Belazarte." (ANDRADE,2016, p.45)

No trecho inicial, pode-se notar a opulência de Belazarte que sempre buscava meios para gastar seu dinheiro. E um dos seus desejos era ter um criado, pois ter alguém para segurar sua bengala e chapéu representava muito prestígio e faria dele uma pessoa importante socialmente.

Ellis trazia o cabelo sempre bem roçado, arredondando o coco. Pixaim fininho, tão fofo que era ver piri de beira-rio. Beiço, não se percebia, negro também. Só mesmo o olhar amarelado, cor de óleo de babosa, é que descansava no meio daquela igualdade perfeita. E verdade que os dentes eram brancos, mas isso raramente se enxergava, porque Ellis tinha um sorriso apenas entreaberto. Estava muito igualado com o movimento da miséria pra andar mostrando gengiva a cada passo. A gente tinha impressão de que nada o espantava mais, e que Ellis via tudo preto, do mesmo preto exato da epiderme. (ANDRADE,2016, p.46)

Em uma viagem de bonde, Belazarte encontra Ellis, logo o convida para trabalhar em sua casa. A descrição de Ellis remete a imagem do negro da época, que ainda era visto como escravo e detentor da melhor mão de obra para trabalhos pesados. A beleza do negro é exaltada pelo narrador, porém observa-se que o que realmente importava para Belazarte era os serviços que o negro poderia oferecer. Mesmo muito novo, com seus dezenove anos, Ellis não tinha muito o que fazer da vida, assim como os muitos jovens negros da época, com a falta de oportunidades e hierarquias de classes sociais, restava ao jovem aceitar a proposta. Pode-se dizer também, que toda essa avaliação feita pelo narrador da aparência de Ellis corrobora para a ideia de que tratava-se de uma mercadoria sendo criteriosamente selecionada, quando na verdade o que Belazarte tinha em sua frente era um ser humano, não um objeto.

Como criado, manda a justiça contar que ele não foi inteiramente o que a gente está acostumado a chamar de criado bom. Não é que fosse ruim não, porém tinha seus carênes, moleza chegou ali, parou. Limpava bem as coisas mas levava uma vida pra limpar esta janela. E depois deu de sair muito, não tinha noite que ficasse em casa. Mas no sentido de criado moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto, e sobretudo amigo. Quando eu asperejava com ele, escutava tudo num desaponto que só vendo. Sei que eu desbaratava, ia desbaratando, ia ficando sem assunto pra desbaratar, meio com dó daquele tão humilde que, a gente percebia, não tinha feito nada por mal. Acabava sendo eu mesmo a discutir comigo. (ANDRADE,2016, p.46)

No trecho a cima, Belazarte relata que Ellis não era seu melhor funcionário, pois era lento e desajeitado em suas tarefas. Porém, o narrador cria um vínculo de amizade com o criado, chegando a considerá-lo seu amigo.

Apesar de sua condição como criado de Belazarte, Ellis almejava uma profissão melhor. Ele queria ser chofer. O patrão até concordou em ajudar a pagar a carta de motorista, porém, Belazarte não fica muito satisfeito com a escolha de Ellis, pois assim ele poderia perder seu criado.

Que gostosa a Dora! Era uma pretarana de cabelo acolchoado e corpo de potranquinha independente. Tinha um jeito de não-querer, muito fiteiro, um dengue meio fatigado oscilando na brisa, tinha uma fineza de S espichado, que fazia ela parecer maior do que era, uma graça flexível... Nem sei bem o que é que o corpo dela tinha, só sei que espantava tanto o desejo da gente, que desejo ficava de boca aberta, extasiado, sem gesto, deixando respeitosamente ela passar por entre toda a cristandade... Dora linda! (ANDRADE,2016, p.50)

A descrição de Dora remete a uma beleza única, há muita riqueza de detalhes na descrição dos traços da mulher, porém algumas vezes, o narrador usa expressões muito fortes e que objetificam a personagem. É importante mencionar que, naquele período, século XX, tratadas como objeto sexual, eram poucas as mulheres negras que conseguiam ascender socialmente. A visão que o narrador possui da personagem corrobora para essa ideia da mulher vista como objeto, afinal, ele deixa claro como ela despertava o desejo dos homens por onde passava. E Dora representava a realidade de muitas mulheres negras da época que precisaram se casar e trabalhar como dona de casa.

Ellis voltara pra pedreiro, encerava nossa casa e outras que arranjamos, andou consertando esgotos, depois na Companhia de Gás... Não tinha parada, emagrecendo, não se descobriu remédio que acabasse inteiramente com os caroços. (ANDRADE,2016, p.51)

O segundo “túmulo” do título pertence ao filho de Ellis e Dora que também faleceu. E devido a problemas de saúde que o deixara debilitado, Ellis, não pôde cuidar do velório do filho. Nota-se que as mortes eram contabilizadas e os personagens reduzidos a números. O destino das personagens já estava traçado desde o começo, pois logo nas primeiras linhas do conto, o narrador fala das desgraças da vida que são impossíveis de controlar. “Eu sempre falo

que a gente deve ser enérgico, nunca desanimar, que se entregar é covardia, porém quando a coisa desanda mesmo não tem vontade, não tem paciência que faça desgraça parar” (ANDRADE,2016, p.45).

Ellis foi fiel a Belazarte até a hora de sua morte. O criado trabalhou a vida inteira e abdicou de todos os seus sonhos. E no final, sua morte representa mais um número e o terceiro “túmulo” do título. O trabalho desumanizou o personagem que pouco evoluiu no decorrer da história. A miséria era uma situação irreversível, e Ellis e sua família não tinham muitas oportunidades para superar as dificuldades

E ficava esperando, jururu que fazia dó. Eu é que encafifava. Com aquele olhode-pomba me seguindo, arrulhando pelo meu corpo numa bulha penarosa de carinho batido, eu nem sabia o que fazer. Pegava numa gravata, reparando que tinha pegado nela só pra gesticular, largava da gravata, arranja cabelo, arranja não-sei-o-quê, acabava sempre descobrindo poeira na roupa, ùa mancha, qualquer coisa assim. (ANDRADE,2016, p.46)

A oralidade, umas das características mais usadas por Mário de Andrade, é bastante explorada no conto. O trecho a cima contém expressões que se aproximam da linguagem do povo, como a expressão “jururu que fazia dó”. Revelam a tentativa do autor em construir uma identidade nacional através de marcas de oralidade presentes em todo o conto, ele buscou usar termos e expressões usados no cotidiano.

Brait (1987) destaca que os personagens não são apenas imitações do real. Por meio deles é possível que o narrador revele suas experiências e vivências próprias, porém deve dar aos personagens características próprias e autônomas. A linguagem contribui para esse processo na construção da autonomia dos personagens, assim como contribui para destacar a identidade nacional na obra:

A materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos (...) o texto (...) é o único dado concreto capaz de fornecer elementos utilizados pelo autor (...), para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária ou espelho do ser humano. (BRAIT, p.52, 1987)

No conto, os personagens, refletem uma realidade de poder e desigualdades. A caracterização deixa o leitor mais próximo ao interior dos personagens. Assim como, as marcas de oralidade permitem conhecermos o período histórico e um pouco da linguagem usada na época. Os relatos de Belazarte demonstram não somente as ideias e pensamentos dos personagens, mas também uma visão e pensamentos sobre ele mesmo. Suas experiências são refletidas nas relações com Ellis e sua família.

...e quem diz que na amizade também não existe esse interesse de auxílio?... Existe, só que mais bonito que no amor, porque interesse está longe do corpo, é mistério da vida silenciosa espiritual. Depois, amor... É inútil os pernósticos estarem inventando coisas atrapalhadas pra encherem o amor de trezentas auroras-boreais ou caem no domínio da amizade, que também pode existir entre bigode e seios, ou então principiam utilizando os gestos físicos do amor, caem na bandalheira. Observando, feito eu, amor de sem-educação, a gente percebe mesmo que nele não tem metafísica: uma escolha proveniente do sentimento que a babosa recebe dum corpo estranho, e em seguida furrum-fum-fum. A força do amor é que ele pode ser ao mesmo tempo amizade. (ANDRADE,2016, p.52)

O trecho em que Belazarte tenta compreender seus sentimentos por Ellis, permite que o leitor adentre o íntimo do narrador e compreenda o quão confuso eram seus sentimentos em relação ao criado. Assim, o narrador torna-se um personagem com muita significação para obra e participa como um ser essencial para a construção da trama, representando mais que uma simples imitação do real e não se restringindo à apenas narrar os fatos.

3.2- BELAZARTE E ELLIS: RELAÇÃO DE AMIZADE OU NECESSIDADE?

Logo no começo, nota-se uma semelhança com os contos dos capítulos anteriores, pois novamente, para satisfazer desejos supérfluos, o trabalhador é reduzido a mercadoria e o seu trabalho beneficia somente o lado com mais poder, como aponta Marx (1964) "Como capital, o valor do trabalhador varia de acordo com a procura e a oferta, e a sua existência física, a sua vida, foi e é considerada como uma oferta de mercadorias." Dessa forma, a força de trabalho atua para satisfazer os caprichos do patrão e pouco contribui para o desenvolvimento das capacidades do trabalhador.

Nota-se uma dependência mútua, Ellis precisava do trabalho e Belazarte de uma companhia que realizasse seus caprichos quando preciso. Há algumas semelhanças entre Belazarte e o fazendeiro Joaquim Prestes do conto "O poço". O fazendeiro pagava os remédios dos funcionários sem descontar do salário e fornecia uma quantia pouco satisfatória, mas que era o suficiente para a sobrevivência dos trabalhadores. Porém, os funcionários não notavam que trabalhavam de forma demasiada para apenas satisfazer as vontades do patrão. No conto "túmulo, túmulo, túmulo", mesmo que a relação entre Ellis e Belazarte fosse mais amigável, Ellis ainda era um funcionário, e a diferença entre as classes é bastante perceptível no decorrer da história. A própria necessidade de Belazarte em ter um criado ressalta a ideia de que o rapaz importava como força de trabalho. E como relata o trecho, quando Belazarte chamava a atenção de Ellis, o mesmo não podia falar nada, ficava calado e escutava o patrão esbravejar. Assim como os trabalhadores do conto "primeiro de maio", no qual, os mesmos não tinham voz e pouco questionam a situação abusiva a que eram submetidos.

Desencontrados que me percorreram. Ellis me confessou que pensava mesmo em ser chofer, mas não tinha dinheiro pra tirar a carta. Tive ciúmes, palavra. Secretamente eu achava que ele devia só pensar em ser meu criado. (ANDRADE,2016, p.47)

O ciúmes e a ideia de que Ellis só deveria pensar em servir o patrão, revelam como o criado era tido como uma mercadoria. E mesmo que Ellis conseguisse o emprego de chofer, ainda estaria em uma condição de subordinação. De tal forma, Ellis se desumaniza e apenas fica disponível para atender as necessidades de um sistema capitalista que necessita de sua força de trabalho. Como aponta Marx:

A produção não produz unicamente o homem como uma mercadoria, a mercadoria humana, o homem sob a forma de mercadoria; de acordo com tal situação, produzo ainda como um ser espiritual e fisicamente desumanizado... Imoralidade, deformidade, hilotismo dos trabalhadores e capitalistas... O seu produto é a mercadoria autoconsciente e ativa... a mercadoria humana... (Marx, 1964, p. 174).

Ellis decide se casar, porém, antes pede a permissão de Belazarte. E mais uma vez fica evidente a relação de subordinação entre patrão e criado. O gesto de Ellis ao beijar a mão de Belazarte, como gratidão pela benção ao casamento, revela que todas as decisões do criado dependiam da aprovação do patrão. Depois do consentimento de Belazarte, Ellis se casa com Dora.

No decorrer do conto, Ellis vai ficando cada vez mais doente por conta do excesso de trabalho, pois ao se casar, precisava de mais dinheiro já que Dora estava grávida e não conseguia trabalhar mais. Nesse momento, a dependência que o criado tinha do patrão se reafirma, pois Ellis ao tentar se virar sozinho acaba se desgastando e dando início ao seu declínio. E Belazarte também não estava em um período muito bom, como ele mesmo diz, o tempo era de “vacas magras”. Logo em seguida, o filho de Ellis nasce já condenado a uma vida de miséria e dificuldades. Dora adoece e morre. Assim é apresentado o primeiro “túmulo” do título do conto. “Dora ia fazer falta física pra ele, como é que havia de ser agora com os desejos?” (ANDRADE,2016, p.52), o trecho citado confirma a crítica da mulher vista como objeto, pois era usada para suprir as necessidades físicas de Ellis.

Batizado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguais, besteira! Mamãe, por causa da muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãe e tutti quanti pra comer um doce em nossa casa, vieram. Foi um ridículo oprimente pra nós os superiores, e deprimente pra eles os 53 desinfelizes. Estavam esquerdos, cheios de mãos, não sabendo pegar na xicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, pronto: já é diferente por classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. (ANDRADE,2016, p.52)

O acontecimento que marca a diferença entre Ellis e Belazarte foi o batizado do filho do criado. Fica explícita a diferença de classes sociais. O trecho mostra todo o preconceito e

diferenças entre os que detinham mais poder, e os pobres que nem mesmo sabiam como pegar em uma xícara. O próprio Belazarte aponta que era besteira imaginar que todos fossem iguais. O que o narrador busca retratar é como as diferenças entre as classes deixava Ellis e sua família desconfortáveis no ambiente do patrão. Mesmo com toda a amizade e consideração, eles sabiam que não pertenciam àquela realidade.

De acordo com a teoria de Marx, a alienação no trabalho, faz com que os trabalhadores não desenvolvam suas potencialidades, funcionam como meios de gerar mais capital e produzir cada vez mais. Assim, Ellis não estava desenvolvendo todo o seu potencial, estava destinado a trabalhar por toda a vida para sobreviver. O seu ambiente de trabalho não era transformador. Quando ele almejava coisas novas, como por exemplo, ser chofer, logo tinha que abandonar a ideia, pois tinha responsabilidades para cumprir com seu patrão e com sua família. Ao decorrer da história nota-se como o trabalho desgastou Ellis, que já não tinha mais uma saúde boa, vale ressaltar que ele ainda era um rapaz muito jovem. Portanto, tudo que produzia não contribuía para melhorar sua condição de vida. Assim nos deparamos com a situação descrita por Marx:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tão mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. (Marx, 1964, p. 159)

Ellis quanto mais produzia e trabalhava, mais não se identificava com o produto do seu trabalho. Assim como se afastava da realidade de seu patrão, realçando as desigualdades sociais que marcaram o século XX. Período em que o Brasil se modernizava, e as indústrias e os centros urbanos começavam a dominar o cenário local. Vale ressaltar que toda essa modernidade beneficiou principalmente a elite paulista, realçando a dicotomia entre ricos e pobres. No conto, a diferença entre as classes é evidente, não só pelos valores materiais, mas pela diferença nos hábitos, nos costumes e até mesmo na forma de se comportar socialmente.

Não levou nem semana, o desgraçadinho pegou mirrando mais, mirrando e esticou. Número dois. Ellis nem pôde tratar do enterro. Não é que estivesse pensando muito, mas o caroço tinha dado de crescer no lado esquerdo agora. Na véspera tivera uma vertigem, ninguém sabe por que, junto do filho morrendo. Foi pra cama com febrão de quarenta-e-um no corpo tremido. (ANDRADE, 2016, p.53)

Ellis estava com tuberculose, doença que atingia, em sua maioria, as classes mais pobres no início do século XX:

"Outra concepção de doença, a da degeneração do indivíduo (mal social), reunia idéias que demarcavam os comportamentos sociais (estilo de vida) e as condições de vida (moradia, higiene, trabalho) como relevantes para o adoecimento. A culpa, nesse caso,

recaía sobre o indivíduo à medida que o adoecimento era consequência dos maus hábitos, das péssimas condições de higiene e de vida." (GONÇALVES, 2000)

Como aponta Gonçalves, as péssimas condições de vida tornavam a vida dos mais pobres complicada e suscetível a doenças. O excesso de trabalho não permitia que Ellis cuidasse da própria saúde, ficando cada vez mais debilitado. E como Belazarte mesmo indaga, a vida do infeliz criado de pouco valeu, pois não tinha realizado muita coisa enquanto estava vivo, toda sua vida foi dedicada ao trabalho. “A vida prática não fora sinão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquele morto em férias?” (ANDRADE,2016, p.54). Nesse momento do conto, percebe-se que a dependência que Ellis possuía com Belazarte ainda era pertinente, pois o patrão cuidava do criado sempre que podia. O narrador relata que Ellis voltara a ser criança, pois tudo dependia de alguém para ajudá-lo devido a seu estado de saúde crítico.

...foi tão humilde que nem teve o egoísmo de sustentar contra mim a indiferença da morte. O olhar dele teve uma palpação franca pra mim. Ellis me obedecia ainda com esse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedeceu. Isso me fez confundir extraordinariamente com os manejos da vida, a morte dele. (ANDRADE,2016, p.56).

A ascensão pelo trabalho era uma realidade distante para eles. Mesmo com toda a afetividade entre o patrão e o criado, nota-se como Belazarte sempre quis moldar Ellis, e como o criado sempre o obedecia. As mortes são relatos cruéis, porém o que é retratado é a dura realidade, em que as classes sociais dividiam a sociedade. Além de revelar como a modernização beneficiava mais um lado que o outro. O conto retratou também a distância entre as classes sociais, pois Ellis tinha que trabalhar para sobreviver, enquanto que Belazarte podia desfrutar dos serviços do criado. E por fim, Ellis desumanizado, morre sem se identificar com o fruto de seu trabalho. Como aponta Marx, o trabalho alienado faz com que o trabalhador dedique toda a sua vida ao trabalho, pois precisa sobreviver, mas torna-se um objeto, pois recebe uma quantia mínima para as coisas básicas e não desenvolve suas potencialidades, além de toda a exploração a que é submetido. Assim, o trabalho também se torna um objeto, pois por meio dele o trabalhador perde sua essência e se desumaniza.

“A realização do trabalho surge de tal modo como desrealização que o trabalhador se invalida até à morte pela fome. A objetivação revela-se de tal maneira como perda do objeto, que o trabalhador fica privado dos objetos mais necessários, não só à vida, mas também ao trabalho. Sim, o trabalho transforma-se em objeto, que ele só consegue adquirir com o máximo esforço e com interrupções imprevisíveis. (Marx, 1964, p. 159).

Considerações finais

Por meio da leitura dos contos de Mário de Andrade foi possível realizar uma análise mais detalhada das relações de trabalho presentes nos contos. As obras permitem uma visualização do período histórico e as consequências da modernização que chegava no Brasil.

Os contos vêm como uma denúncia social, retratando por meio das relações de trabalho, como a exploração dos trabalhadores era uma realidade vigente no período. A análise feita das personagens revelam que, desumanizados e alienados, os trabalhadores não se identificavam com o fruto do seu trabalho.

A análise da caracterização dos personagens, do narrador e do espaço foram essenciais para compreendermos as críticas sociais presentes nas obras. Conclui-se, portanto, que as três obras de Mário de Andrade revelam uma realidade que ainda persiste até os dias de hoje. Uma realidade a qual o operário não se reconhece e trabalha para satisfazer as necessidades e garantir o lucro de seu patrão. E ao enriquecer seu patrão, o proletariado perde sua própria essência, pois passa a trabalhar para o outro, deixando de lado seu próprio eu, perdendo seus direitos e dignidade.

REFERÊNCIAS

- MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, Florestan (org.). Marx-Engels (História). 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.
- MÉSZÁROS, István. Marx: A teoria da Alienação. Ed: Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1970.
- ANDRADE, Mário. Contos Novos. 2016. Disponível em: <<https://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Contos-novos-de-M%C3%A1rio-de-Andrade.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.
- MARX, Karl. Manuscritos de 1844. Paris: Flammarion, 1996.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1964.
- BRAIT. Beth. A personagem. Ed: Atica. São Paulo. 1987.
- AHUMADA, Zoraida. ESCRITURA E AUTORITARISMO – Perspectiva de análise do conto O Poço, de Mario de Andrade. Disponível em: <https://www.academia.edu/28775771/ESCRITURA_E_AUTORITARISMO_Perspectiva_de_an%C3%A1lise_do_conto_O_Po%C3%A7o_de_Mario_de_Andrade>. Acesso em: 22 de maio de 2019.
- ANDRADE, Mário. Os contos de Belazarte. 2016. Disponível em: <<https://songtext.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Os-Contos-de-Belazarte.pdf>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- GONÇALVES, H. A tuberculose ao longo dos tempos. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VII (2).2000.